

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

SUSAN KAROLINE BARBOSA SOARES XAVIER

**O USO DA ESCRITA DE SINAIS SIGNWRITING COMO FERRAMENTA NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS NA
EDUCAÇÃO BÁSICA EM MANAUS**

MANAUS - AM

2022

SUSAN KAROLINE BARBOSA SOARES XAVIER

**O USO DA ESCRITA DE SINAIS SIGNWRITING COMO FERRAMENTA NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS NA
EDUCAÇÃO BÁSICA EM MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito parcial de obtenção do título de Licenciada em Letras Libras.

Orientadora: Prof.^a Me. Joana Angélica Ferreira Monteiro Cabral Stoller.

MANAUS - AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

X3u Xavier, Susan Karoline Barbosa Soares
O uso da escrita de sinais Signwriting como ferramenta no processo de alfabetização e letramento de alunos surdos na educação básica em Manaus. / Susan Karoline Barbosa Soares Xavier . 2022
37 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Joana Angélica Ferreira Monteiro Cabral Stoller
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Letras - Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Signwriting. 2. Bilinguismo. 3. Educação de Surdos. 4. Libras. I. Stoller, Joana Angélica Ferreira Monteiro Cabral. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título



Membros da Banca Examinadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS

Prof. Me. Joana Angélica F. Monteiro C. Stoller
SIAPE: 1886434

Prof^a Me. Joana Angélica Ferreira Monteiro Cabral Stoller
Docente Orientadora de TCC



Documento assinado digitalmente
Marianne Rossi Stumpf
Data: 19/09/2022 12:43:22-0300
CPF: 629.042.800-49
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof^a Dra. Marianne Rossi Stumpf
Avaliador 1

Universidade Federal do Amazonas
Faculdade de Letras

Prof. Me. Fábio Tadeu Cabral Stoller
SIAPE 1068341

Prof. Me. Fábio Tadeu Cabral Stoller
Avaliador 2

Prof. Dr. Gláucio de Castro Junior
Avaliador 3

Declaro que as correções solicitadas pela banca serão devidamente realizadas pelo discente e entregues no dia 29/09/2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS

Prof. Me. Joana Angélica F. Monteiro C. Stoller
SIAPE: 1886434

Prof^a Me. Joana Angélica Ferreira Monteiro Cabral Stoller
Docente Orientadora de TCC

SUSAN KAROLINE BARBOSA SOARES XAVIER

Discente Susan Karoline Barbosa Soares Xavier
Orientanda

Em 19 / 09 / 2022

DEDICATÓRIA

Querido e amado Deus, dedico-lhe este trabalho de TCC pois graças ao Senhor que pude realizá-lo. Esse é apenas o começo de um longo caminho a trilharmos juntos. A tua palavra diz, “Confie no Senhor de todo o seu coração, não se apoie em seu próprio entendimento; reconheço o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas”.

Provérbios 3:5-6.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu querido e grandioso Deus por ter me sustentado até aqui, pois em meio a muitos obstáculos, sempre se fez presente em minha vida e me confortava através das orações. E dedico esta graduação a Ele, pois isso foi fruto de oração.

Agradeço ao meu marido que sempre esteve ao meu lado me apoiando ao longo dessa trajetória, com muita paciência durante as gravações de vídeos em Libras (não sabia fazer edição de vídeo), em cuidar dos nossos filhos quando precisava chegar mais tarde, nas reuniões em casa com os colegas de curso, quando estava sobrecarregada do dia a dia sempre me dava uma palavra de ânimo etc.

Me recordo com saudade dos bons momentos vivenciados na UFAM, tanto pela vegetação que amava, como por reencontrar os amigos, orientadores e professores da graduação de Ciências Biológicas, bem como a nova graduação de Letras Libras passando a conquistar novos (e poucos) amigos, nos reunindo para realizar as refeições e fazer as atividades, as trocas de conhecimentos e experiências, realização de projetos, as caronas oferecidas e as brincadeiras.

Agradeço aos mestres Joana Stoller e Fábio Stoller, pela oportunidade e parceria em diversos projetos, sendo que foi dessa forma que passei a conhecer a escrita de sinais SignWriting, que até então nunca tinha ouvido falar ou visto essa forma gráfica, desde esse momento comecei a pesquisar mais e acabei me envolvendo com o tema.

Agradeço aos membros da banca, a Prof.^a Dr.^a Marianne Rossi Stumpf, o Prof.^o Dr. Gláucio de Castro Júnior e o Prof.^o Me. Fábio Stoller por aceitar o convite do TCC, assim como, a contribuição científica que me foi concedida.

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito os surdos, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-lo, devemos ensiná-lo, ajudá-lo, mas temos que permitir-lhe ser.”

Terje Basiler (psiquiatra surdo, norueguês)

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta apresentar o sistema gráfico da escrita de sinais Língua Brasileira de Sinais - Libras, e analisar se há eficácia no momento de ensino-aprendizagem de acordo com os postulados teóricos. As autoras Alves; Lima; Stumpf (2018) afirmam que a língua de sinais possui sua grafia própria, embora pouco usada e que o SignWriting atende a todos os parâmetros da Libras, tornando suas representações significativas para seus usuários (surdos e ouvintes afins). Para isso é necessário que o educando tenha o contato com essa escrita desde o período das séries iniciais, para que os sujeitos envolvidos possam futuramente ter domínio da escrita da língua de sinais, o SignWriting, dessa forma poderá ter uma boa base linguística para aprender outro idioma, do mesmo modo a se registrar, produzir, propagar ideias, desenvolver o cognitivo, entre outros.

Palavras-chave: Signwriting; Bilinguismo; Educação de Surdos; Libras.

ABSTRACT

The present work has the proposal to present the graphic system of the writing of signs Brazilian Sign Language - Libras, and to analyze if there is effectiveness in the teaching-learning moment according to the theoretical postulates. The authors Alves; Lime; Stumpf (2018) state that sign language has its own spelling, although it is rarely used and that SignWriting meets all the parameters of Libras, making its representations meaningful to its users (deaf and hearing alike). For this, it is necessary for the student to have contact with this writing since the period of the initial series, so that the subjects involved can in the future master the writing of sign language, SignWriting, in this way they can have a good linguistic basis to learn another language. language, in the same way to register, produce, propagate ideas, develop cognitive skills, among others.

Keywords: Signwriting; Bilingualism; Deaf Education; Libras.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:	Sistema de notação <i>Dance Writing</i> , desenvolvido por Sutton	13
FIGURA 2:	Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)	13
FIGURA 3:	<i>Software</i> SignPuddle desenvolvido por Slevinski	14
FIGURA 4:	Pesquisadores brasileiros que deram início aos estudos em SignWriting	15
FIGURA 5:	Países que utilizam a escrita SignWriting	15
FIGURA 6:	Curricularização da Libras como primeira língua	17
FIGURA 7:	Exemplos de recurso visuais que estimulam a criança surda	19
FIGURA 8:	Criança praticando a modalidade manuscrita do SignWriting	20
FIGURA 9:	Forma computacional do SignWriting, através do <i>software</i> SignPuddle	20
FIGURA 10:	Estratégia de ensino da escrita SignWriting no processo de alfabetização e letramento	21
FIGURA 11:	Ensino do Alfabeto e códigos em SignWriting	22
FIGURA 12:	Tabela apresentando alguns modelos de códigos em SignWriting	22
FIGURA 13:	Processo de ensino dos códigos em SignWriting	23
FIGURA 14:	Ensino do SW na Escola Estadual Augusto Carneiro em Manaus	24
FIGURA 15:	Instituição de ensino que oferta o ensino formal	24
FIGURA 16:	Desenvolvimento da aquisição da linguagem	26
FIGURA 17:	Materiais diversos com a escrita em SignWriting	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1	A ESCRITA SIGNWRITING (SW)	12
2.2	POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO	16
2.3	PROCESSO DIDÁTICO DE ENSINO.....	18
3	OBJETIVOS.....	19
3.1	OBJETIVO GERAL	19
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	20
4	MATERIAIS E MÉTODOS.....	20
4.1	ESCRITA DO SW NA ESCOLA PÚBLICA DE MANAUS-AM.....	24
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	30
	ANEXO A - Link de acesso virtual ao TCC	35

1 INTRODUÇÃO

A escrita é um processo simbólico que possibilitou ao ser humano expandir suas mensagens para muito além do seu próprio tempo e espaço, permitindo aos interessados neste conhecimento terem acesso às informações disponíveis na imprensa e nos livros. Dessa forma, o papel da escrita na formação do ser humano é muito mais profundo do que se pensa, é a porta de entrada para a cultura, saber tecnológico, científico, etc. (OLIVEIRA, 1995, p.68).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não inclui, na modalidade de ensino regular, o ensino no Brasil da Língua Brasileira de Sinais - Libras inclusa em sua grade curricular de ensino, e tão pouco sua forma escrita. Em contraposto a esta constatação, houve a promulgação da Lei nº 14.191/2021 que trata sobre a educação bilíngue de surdos e quanto ao uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como primeira língua (L1), e a Língua Portuguesa – LP na modalidade escrita, como segunda língua (L2).

Uma vez dispostas estas afirmações, entendemos que há uma necessidade de se concretizar a utilização da Libras pelo sujeito surdo. Neste sentido, as autoras Alves, Lima e Stumpf (2018), discorrem sobre a singularidade linguística e a posição que a Libras ocupa na vida do sujeito surdo. Neste sentido Stumpf (2016) faz os seguintes questionamentos: Quem fala português, escreve em português. Quem fala inglês, escreve em inglês. Os surdos: em que língua escrevem?

A partir dessa obra de Stumpf (2016), publicada na Revista Letras Raras, observou-se no tópico sobre, A leitura e a Escrita no Surdo, entendendo que a escrita e a fala são independentes, ou seja, a leitura não é somente visual, pois o conhecimento obtido pelo indivíduo lhes dá sentido à informação e ao meio social. No que concerne a escrita do surdo, ainda é pouco conhecida, gerando diversas pesquisas quanto ao seu processo de aquisição. Esse processo se mostra eficiente quando as crianças surdas, filhas de pais surdos, são estimuladas desde cedo tendem a desenvolver-se melhor na área educacional, diferentes dos que possuem pais ouvintes. Com isso, nota-se que tanto a escola quanto à família tem um papel de suma importância durante o processo da aquisição da linguagem para as crianças surdas e que o processo da escrita da língua de sinais se torna mais fácil.

Para desenvolver este trabalho foi realizado o levantamento de pesquisa bibliográfica, que segundo Fonseca (2002, p. 32) busca recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. Outrossim, apresentar e mostrar a relevância da escrita de sinais para os alunos surdos. Através de estudos na área da escrita

para surdos, vem se mostrando eficaz a forma gráfica do SignWriting, que inclusive podemos notar a produções diversas utilizando essa escrita, bem como, proporciona seu desenvolvimento cognitivo por atender suas necessidades gramaticais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Diferentes formas de comunicação foram desenvolvidas ao longo do tempo, tais como os desenhos, os símbolos, a oralidade, a escrita, etc. Os registros históricos demonstram que as primeiras tentativas de formas de comunicação foi a da pintura rupestre, momento em que os ancestrais do homem moderno registravam suas rotinas nas paredes das cavernas. Essas formas de registros antigas são encontradas ainda hoje por estudiosos. Ao tratarmos especificamente da escrita, os registros mostram que ela foi iniciada pelos povos sumério, na Mesopotâmia (abarca as regiões do Iraque, Irã e Jordânia), este povo desenvolveu a escrita cuneiforme com cerca de 4.000 a.C. Eles realizavam a escrita em argila, metal ou madeira, e a partir desse momento outras sociedades como o Egito, Antiga Roma, China e assim por diante, desenvolveram outras formas de escritas.

A partir destes registros, diversos estudos vêm sendo realizados referente ao desenvolvimento da escrita. Com base nisso, Higounet (2003, p. 9) relata através de seus estudos que a escrita é a expressão gráfica da linguagem, que diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo recorreu a engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nós, entalhes, desenhos. Para que haja escrita, Higounet (2003, p. 11) afirma que "é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado" e "em seguida é preciso que esses sinais permitam gravar e reproduzir uma frase falada". A aquisição desse simbolismo e desse esquematismo se faz por séries de desenvolvimentos mais ou menos lentos e acabados segundo a mentalidade e a língua das sociedades em que são operados.

Ainda reitera Higounet (2003):

Desse modo, a escrita é não apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano. ” (Higounet, 2003, p. 10)

Para Gontijo & Schwartz (2015), a escrita não passou apenas por um processo evolutivo, mais foi dividido em três níveis: 1. No primeiro, as crianças descobrem as diferenças entre as formas icônicas (gesto faz alusão à imagem. Ex.: borboleta) e não icônicas (não faz alusão à imagem. Ex.: perdoar) de representação. Essa é uma construção fundamental e pode ser observada quando as crianças produzem traços lineares e arbitrários; 2. No segundo nível de evolução da escrita, a criança procura escrever considerando as hipóteses elaboradas; 3. A hipótese silábica marca a entrada no terceiro nível, pois há tentativas de pensar as partes constitutivas de uma palavra e relacioná-las com partes da escrita: as letras. Nesse caso, cada letra corresponde a uma sílaba. Em seguida, as crianças envolvidas neste processo de aprendizagem passam a fazer a correspondência entre as letras conhecidas a fonemas e sílabas e, finalmente, somente aos fonemas.

A abordagem dos autores sobre a escrita mostra que ela é uma forma de comunicação e que passou por transformações do tempo. Esta forma gráfica tem sido satisfatória, pois permite registrar materiais diversos, leituras, expressão de ideias, interações sociais, além de aumentar *input* linguístico.

A escrita para o público surdo não seria diferente, pois Silva (2017) assegura que a aquisição da escrita favorece a pessoa com surdez na obtenção de novos mecanismos para abstrair e teorizar sobre o mundo que o cerca, uma vez que a escrita complementa os conhecimentos já construídos no discurso do sujeito em suas interações sociais.

Dessa forma busca-se maneiras de achar uma escrita apropriada, que atenda a todas as necessidades do público surdo, sendo cogitada a escrita SignWriting, que codifica os sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), somando em seu processo de desenvolvimento durante a educação básica.

2.1 A ESCRITA SIGNWRITING (SW)

A norte-americana *Valerie Sutton*, foi dançarina e coreógrafa, e no ano de 1970 desenvolveu o sistema de notação *Dance Writing*, que a possibilitou de escrever (registrar) todos os movimentos realizados em suas danças. Esse sistema representa a línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações (STUMPF, 2016), observe o exemplo na **Figura 1**.

Figura 1: Sistema de notação *Dance Writing*, desenvolvido por Sutton



Fonte: <https://www.dancewriting.org/>

A partir disso, *Sutton* usou a mesma metodologia para registrar as notações de sinais da comunidade surda, sendo denominado SignWriting (SW), que significa “Escrita de Sinais” no Brasil. Esta notação de SW começou a ser utilizada no Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) de Fernando Capovilla entre outros autores. Além do mais, Quadros (2000) explica que o SW expressa todas as características da língua de sinais, sejam elas as configurações de mãos, expressões faciais associadas aos sinais, a orientação das mãos e do olhar, movimentos, direções bem como relações gramaticais que são impossíveis de serem captadas através da escrita alfabética. Veja o exemplo do sistema de escrita SW em um dos Dicionários de Capovilla, na **Figura 2**.

Figura 2: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras).



Fonte: CAPOVILLA, et. al., 2015. p. 2070.

De acordo com Kogut (2013, p. 24 apud BARROS, 2018, p. 24) o advento de novas tecnologias, foi criado em 2003 por *Steve Slevinski*, a organização chamada *Pittsburgh United for Deaf Literacy* (PUDL) [União de Pittsburgh pela Literatura Surda], assim como um *software* próprio para a escrita das línguas de sinais chamado *SignPuddle* (S/D, disponível em: <<https://www.signbank.org/signpuddle/>>), para produção textual, transcrição e registro da forma escrita, bem como qualquer pessoa pode ter o acesso e criando símbolos diversos para infinitas possibilidades como mostra a **Figura 3**. O projeto *Sutton SignWriting* apoia a criação de obras de cultura livre e pode ser usada pelo professor, como recurso complementar durante as aulas de educação de surdos, contribuindo com a compreensão da língua de sinais, estudos aprofundados na linguística, produções textos em línguas de sinais, promovendo ao surdo o direito de usar seu artefato cultural, a escrita.

Figura 3: *Software* SignPuddle desenvolvido por Slevinski.



Fonte: <https://www.signbank.org/signpuddle>

Esse sistema chegou ao Brasil por meio do Dr. Antônio Costa, no ano de 1996, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC) em Porto Alegre, por intermédio pesquisa realizada por Marianne Stumpf. Quadros (1999) enfatiza que a partir desse momento o SignWriting começou a ter visibilidade no Brasil, além da formação de grupos de estudos composto pelas Professoras Marianne Stumpf e Marcia Borba, veja a **Figura 4**.

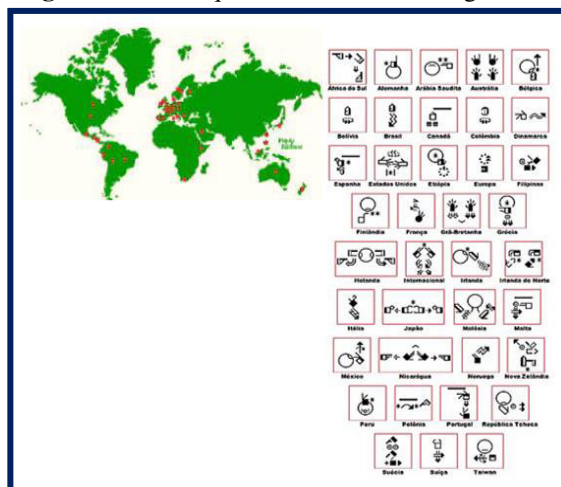
Figura 4: Pesquisadores brasileiros que deram início aos estudos em SignWriting.



Fonte: COSTA, 2018. p.25.

A forma gráfica abordada ainda é pouco utilizada por parte da comunidade surda brasileira. Porém existe registro, (S/D, disponível em: <<https://www.signwriting.org/>>), que mais 35 países que já utilizam a escrita SignWriting no processo educacional, dentre os quais citamos: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Austrália, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Etiópia, Europa, Filipinas, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Internacional, Irlanda, Irlanda do Norte, Itália, Japão, Malásia, Malta, México, Nicarágua, Noruega, Nova Zelândia, Peru, Polônia, República Tcheca, Suécia, Suíça e Taiwan (**Figura 5**). Quanto aos países que não estão inclusos na lista, não se tem conhecimento no que se refere ao uso da escrita SW.

Figura 5: Países que utilizam a escrita SignWriting.



Fonte: <https://escritadesinais.com/2010/08/17/quem-usa-signwriting/>

Diante do que foi apresentado sobre o tema do SignWriting, houve a necessidade de apresentar a origem do SW, a produção do *software* SignWriting, produção de sinais através do SignPuddle para compor de materiais diversos na Libras, promover metodologias com uso de tecnologias que complemente o ensino-aprendizagem dos surdos, entre outras. Esse apanhado de informações sobre a escrita é de grande relevância quanto ao desenvolvimento intelectual do sujeito surdo, pois quando ensinados e estimulados de maneira correta tendem a evoluir rapidamente.

2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais – Libras é reconhecida pela Lei nº 10.436/2002 como um meio de comunicação e expressão visual-motora, possuindo estrutura gramatical própria, transmite ideias e fatos, provenientes das comunidades surdas do Brasil, além do mais, esta não pode substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa, conforme o exposto em seu parágrafo único.

Com o advento da Lei nº 14.191/2021, houve a inserção da Educação Bilíngue de Surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394/1996) como uma modalidade de ensino independente na educação especial, passando a tratar a Libras como primeira língua (L1) e o Português escrito como segunda língua (L2).

Neste sentido Alves, Lima e Stumpf (2018) abordam que:

A Língua de Sinais possui sua grafia própria, embora pouco usada pelos seus usuários. No SignWriting a Língua de Sinais, sendo visual espacial, é representada em todos os seus aspectos: pelos parâmetros de Configuração de Mãos, Movimentos, Direção, Expressão Facial/Corporal e os Pontos de Articulação; na morfologia com a representação, por exemplo, das expressões faciais como morfema derivacional, nos discursos em que a expressão facial surge como um tom avaliativo. Assim, a escrita de sinais no sistema SignWriting ganha representações significativas para seus usuários. (ALVES; LIMA; STUMPF, 2018, p. 142).

Assim Stumpf (2005) e Bauman (2001), corroboram o entendimento de que o sujeito surdo deve apropriar-se da escrita de sinais e posteriormente relacionar a sinalização com a grafia facilitando, desta forma, seu entendimento linguístico. Para tal feito, Silveira (2008), afirma a criança surda deve primeiramente adquirir a Libras, a sua primeira língua (L1), sendo necessário que o professor conheça muito bem a Língua de Sinais para ensiná-la. Para isso, Torres (2011, p.14), explica que o professor é o mediador da aprendizagem e que precisa estimular a criança através da “gramática visual”, possibilitando descobertas e experiências por meio da leitura de imagens.

Para que o aluno surdo disponha da Educação Bilíngue, Stumpf (2021, p. 225) destaca que: “os saberes surdos vêm a acrescentar e modificar o projeto curricular em função do desenvolvimento da pessoa surda.”

Sobre este tópico, Stumpf (2021) ratifica que:

Na condição de direito do estudante surdo, a Libras deve estar presente: a) como componente curricular, ou seja, como parte do quadro de disciplinas; b) como língua de instrução instituindo as lógicas interacionais de ensino e aprendizagem; c) como língua utilizada para comunicacional interpessoal do ambiente escolar. A compreensão dessas diferentes maneiras de conceber a presença da Libras na escola é uma distinção fundamental para compreensão das potencialidades e limites da proposta que apresentamos aqui. (STUMPF, et. al. 2021, p. 213).

No que diz respeito às Políticas Públicas no Ensino de Libras, trabalhou-se a obra de Stumpf, et. al. (2021), sobre Fundamentos históricos e conceituais para Curricularização da Libras como primeira língua - Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior, que se trata do primeiro volume da Coleção Ensinar e Aprender em Libras, apresentada na **Figura 6**.

Figura 6: Curricularização da Libras como primeira língua.



Fonte: <https://editora-arara-azul.com.br/site/e-books>

Esta obra apresenta uma proposta de implementação desse Plano Nacional de Educação, apresentando um currículo para o ensino de Libras como L1 e da Língua

Portuguesa como L2, especialmente, nas escolas bilíngues de Surdos, com algumas proposições de adaptações nos demais espaços escolares quando a escola bilíngue não estiver disponível (STUMPF, et. al., 2021).

Este tópico foi discutido sucintamente, e percebe-se por meio dos estudos que a escrita na língua de sinais tem eficácia por parte dos seus usuários, porém ainda não estão inclusas na grade curricular como destaca a Lei nº 14.191/2021, que inclui penas o uso do Português escrito na modalidade L2, sem salientar a escrita da língua de sinais. Fator este que causa prejuízo linguístico ao Surdo.

2.3 PROCESSO DIDÁTICO DE ENSINO

A escolha do recurso didático adequado pode tornar a aula dinâmica, atrativa e de fácil compreensão por parte do aluno e que a imagem é importante para evitar textos muito longos, pois ela quebra o ritmo cansativo da leitura, tal qual sugere outras formas de interpretações (Belmiro, 2000, p. 23).

Para o ensino de surdos é necessário o uso de imagens e/ou vídeos e poucos textos, assim como sugere Belmiro (**Figura 7**), não só pelo fato de serem visuais, mas muitas vezes sabem pouco ou nada do português e o excesso de informação os deixa confuso com a escrita sem entender o conteúdo, ou sabe a escrita do português, sem saber seu significado. Então o professor precisa fazer uma sondagem para saber quais tipos de alunos ele irá trabalhar, para ter estratégias que atendam a identidade e a cultura de cada um.

Partindo desse princípio, o processo de alfabetização e letramento terá eficácia segundo Pereira; et. al. (2016), já que:

Este processo (a educação de alunos surdos) deve partir, não apenas da codificação dos sinais, mas da compreensão como um todo da alfabetização/letramento do aluno incluso na rede regular de ensino. As especificidades deste processo envolvem a escrita bem como uma intensa exploração dos parâmetros fonológicos da língua de sinais como elemento regulador e organizador da escrita. (PEREIRA; et. al., 2016, p.50).

Partindo da mesma linha de raciocínio, Cunha (2004) afirma que “(...) para aprender a ler e escrever a criança precisa construir conhecimentos da natureza conceitual e compreender de que forma acontece a representação gráfica da linguagem”.

Figura 7: Exemplos de recursos visuais que estimulam a criança surda.



Fonte: Acervo da autora.

Desse modo, a criança surda constrói e reconhece o seu próprio processo, bem como explora a própria produção lendo a si mesmo e isto é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional que sustentado pela alfabetização na Língua de Sinais (CUNHA, 2004, p. 21).

Para melhor compreensão sobre o termo “alfabetização” está relacionado ao processo de aprendizagem no qual os participantes desenvolvem a competência de ler e escrever, enquanto o “letramento” trata da função social desse processo, isto é, o sentido ampliado da alfabetização. Ambos devem caminhar sempre juntos, sendo um desafio para os educadores.

Por fim, a pesquisa deu-se através do cunho exploratório, visto que esta busca métodos e critérios, causando-lhes proximidade com a realidade do objeto estudado. Então realizou-se um levantamento bibliográfico referente aos assuntos que permeiam o tema e desta forma poder demonstrar que a inserção da grafia SignWriting desde a educação infantil, pode proporcionar uma construção benéfica no processo de ensino-aprendizagem em fase escolar, permitindo-lhes registrar, produzir e propagar suas próprias histórias, atuar em outras áreas do conhecimento, promover a sua inclusão na sociedade, assim como, facilitar o aprendizado em outras culturas e línguas.

3 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Apresentar a escrita de sinais SignWriting e sua aplicabilidade no processo de alfabetização e letramento de alunos surdos.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- ✓ Apresentar o Sinais SignWriting;
- ✓ Descrever o processo de alfabetização e letramento dos alunos surdos em séries iniciais; e
- ✓ Apresentar a relevância da escrita SignWriting, no processo de ensino-aprendizagem, por meio do levantamento bibliográfico.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia aplicada foi do tipo exploratória, que conforme Gil (2010), este tipo de pesquisa têm o propósito familiarizar o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, sendo bastante flexível por considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado.

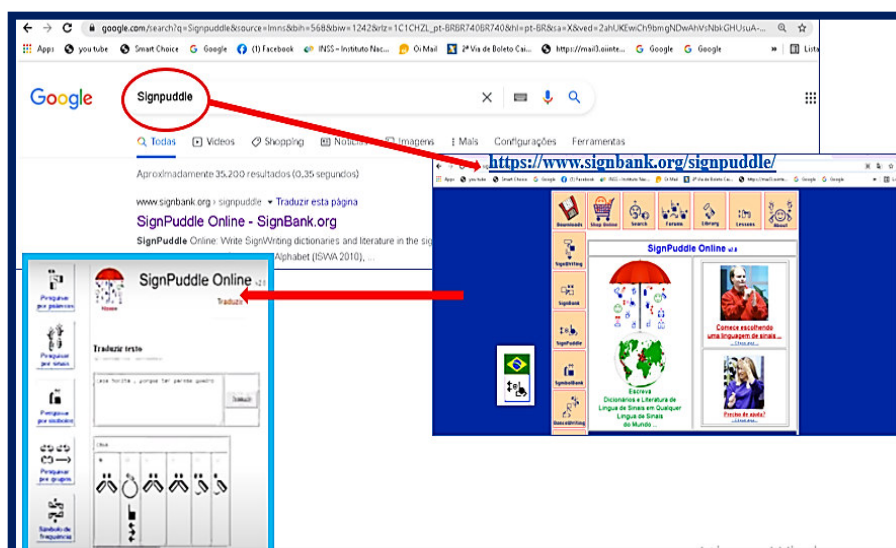
O tema empregado ainda vem sendo estudado e praticado em razão de poucos terem o conhecimento e compreensão quanto a forma do uso manuscrita e/ou computacional. A **Figura 8**, mostra a criança praticando de forma manuscrita, enquanto a **Figura 9**, mostra a forma computacional do SignWriting.

Figura 8: Criança praticando a modalidade manuscrita do SignWriting.



Fonte: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/9/a-libras-e-a-escrita-de-sinais>.

Figura 9: Forma computacional do SignWriting, através do *software* SignPuddle.



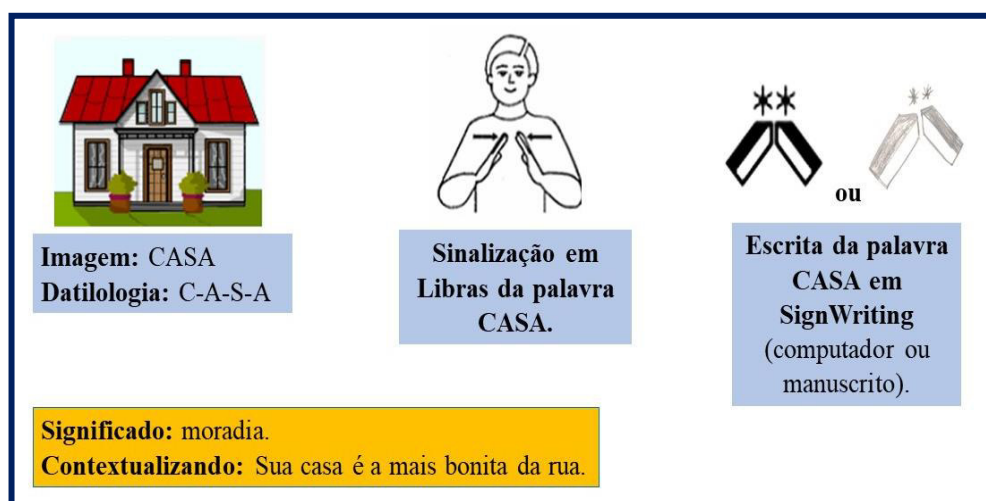
Fonte: <https://www.signbank.org/signpuddle/>

Stumpf relata que a criança surda deve ser primeiramente alfabetizada em Libras e “adquirir” sua escrita, para só então permear outros caminhos linguísticos verbais escritos. Stumpf (2011, p. 13). Entende-se que a escrita depende da leitura e quando estimulados da forma correta e com materiais adequados a sua faixa etária, os educandos conseguem desenvolver seu sistema gráfico e entender a estrutura da sua língua.

Com isso, os educadores deverão buscar estratégias que se adequem ao ensino da escrita de sinais para o público surdo, atendendo suas especificidades. Por exemplo, através das literaturas trabalhadas foi realizado um apanhado de informações de como poderia ser realizada a aula de Libras, junto à escrita da língua de sinais, para que tivesse uma contribuição expressiva para os educandos.

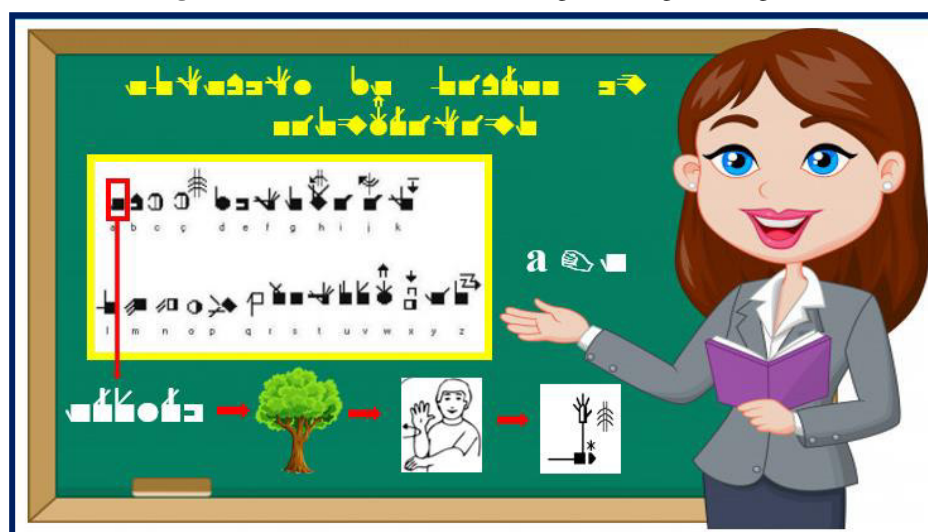
Para tal propósito, seria necessário que o educador realizasse a aula por meio da sinalização; fazer o uso de datilologia, classificadores, imagens e/ou vídeos; abordar o tema através de contextualização, significado e interpretação; registrar a escrita em SignWriting; e registrar na escrita no Português de forma inicial para que os educandos pudessem associar ambas as modalidades escritas, posteriormente sendo retirado o português e utilizando apenas a forma gráfica da língua de sinais), como mostra nas **Figura 10 e 11**.

Figura 10: Estratégia de ensino da escrita SignWriting no processo de alfabetização e letramento.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 11: Ensino do Alfabeto e códigos em SignWriting.



Fonte: Acervo da autora.


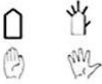

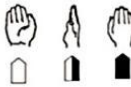
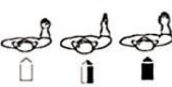


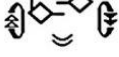
Dallan (2009 apud Alves; Lima; Stumpf, 2018) expõe que a grafia no sistema SignWriting vem a complementar o processo educacional do aluno surdo, em uma proposta que visa a ampliação de reconhecimento do mundo, possibilitando o uso de materiais escritos. Quando o surdo se apropria de sua língua e aprende a expressá-la, o desenvolvimento sobre leitura e escrita flui com mais rapidez e facilidade, porque traz significado em sua aprendizagem, originando sentido, dessa forma vão se constituindo sujeitos letrados.

Para Pereira (2009), a utilização de símbolos pelo surdo, promove o desenvolvimento da linguagem, a partir das mãos que mostram os signos e símbolos. A escrita de sinais é a codificação sistemática de sinais gráficos (símbolos) que permite registrar com grande

precisão a linguagem sinalizada por meio de signos visuais. Este sistema escrito também propicia a ampliação e divulgação do léxico desta língua, pois permite maior avanço no registro de termos científicos e tecnológicos.

Ao tratar sobre os códigos do SW na educação é importante que o educador explique os parâmetros da Libras e os códigos grafados em SignWriting com o auxílio de imagens e exemplos, além de respeitar as limitações das crianças durante o aprendizado da escrita, observe a **Figura 12**.

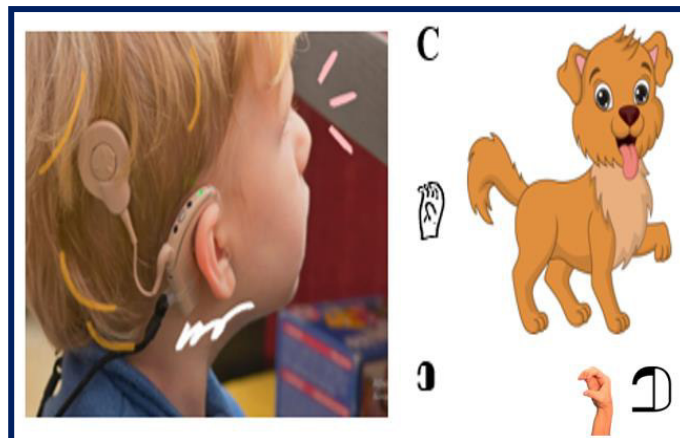
Figura 12: Tabela apresentando alguns modelos de códigos em SignWriting.

Configuração de mão circular; aberta; e fechada	Orientação do plano de parede e do chão	Tipos de símbolos quanto ao movimento e contato	Localização espacial
<p>Mão circular</p>  <p>Mão aberta</p>  <p>Mão fechada</p> 	<p>Plano da parede – mão vista de frente.</p>  <p>Plano do chão – mão vista de cima.</p> 	<p>Sinal com movimento e contato</p> <p>FAMÍLIA</p>  <p>Contato TOCAR *</p> <p>Movimento Para o lado para o frente e para o lado – sinal realizado com ambas as mãos.</p> 	<p>Sinalização no espaço neutro</p> <p>BRINCAR</p> 

Fonte: Acervo da autora.

A apresentação dos códigos precisa ser desenvolvida desde a alfabetização, devendo ser estimulado, além de promover a interação e aprendizado, e enriquecendo a imaginação infantil, de acordo com a **Figura 13**.

Figura 13: Processo de ensino dos códigos em SignWriting.



Fonte: Acervo da autora.

Nesta seção é discutido através de vários autores a utilização da escrita do SW durante o período de alfabetização. Pode-se observar que a escrita consolida o desenvolvimento dos Surdos. De acordo com as especificidades dos alunos, o professor deve buscar estratégias/metodologias de ensino que visem melhorar a qualidade educacional. Dessa forma produzi materiais visuais com essa proposta.

Vale salientar que a autora Stumpf (2021) e sua equipe, produziram uma coletânea possuindo os seguintes livros: Fundamentos históricos e conceituais para curricularização da Libras como primeira língua (Volume 1); Ensino de Libras como L1 na Educação Infantil (Volume 2); Ensino de Libras como L1 no Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e EJA (Volume 3); Ensino de Libras como L1 no Ensino Médio (Volume 4); e o Ensino de Libras como L1 no Ensino Superior (Volume 5). Descrevo de uma forma geral que as obras trazem reflexões, perspectivas, competências e habilidades, propostas de ensino, e assim por diante. A autora apresenta a utilização de materiais visuais diversos produzidos pela comunidade surda e afins, inclusive quanto ao uso da escrita da língua sinais, o SignWriting, atendendo as peculiaridades do grupo surdo e o fortalecimento da Educação Bilíngue.

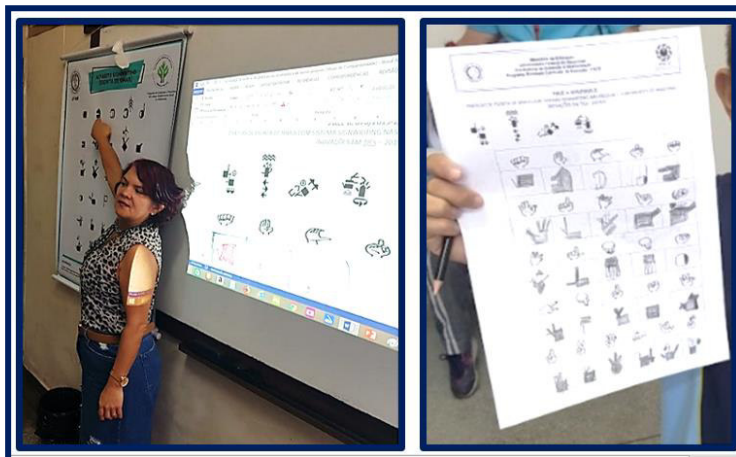
4.1 ESCRITA DO SW NA ESCOLA PÚBLICA DE MANAUS - AM

Foi realizado na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos (Educação Especial), em Manaus – Amazonas, o projeto do Programa Atividade Curricular de Extensão (PACE) em parceria com Libras e Trilhas da UFAM, durante um ano.

Esse projeto teve o intuito de apresentar a escrita de sinais SignWriting e sua aplicabilidade para o entendimento da Libras. Logo foram realizadas algumas aulas com a utilização de datashow, lousa, entre outros recursos visuais para melhor entendimento do aluno. Após as explicações os alunos realizavam algumas atividades que foram impressas e entregues para serem realizadas em classe. E durante a realização notava-se que alguns alunos eram mais rápidos para realizar atividade em comparação a outros, porém todos fizeram suas respectivas atividades.

Posteriormente essas atividades foram analisadas para avaliar o entendimento sobre o código da escrita SignWriting em contexto com a Libras. Com isso, averiguou-se que naquela etapa do projeto estavam tendo um bom rendimento, de acordo com a **Figura 14**.

Figura 14: Ensino do SW na Escola Estadual Augusto Carneiro em Manaus.



Fonte: Acervo da orientadora.

Stumpf (et. al., 2021, p.72) fez uma investigação nas instituições públicas e privadas em todas as regiões do Brasil, sobre a oferta (ou já tinham ofertado) do ensino formal para educação de surdos, conforme a **Figura 15**.

Figura 15: Instituição de ensino que oferta o ensino formal.

REGIÃO NORTE		
Amazonas		
Instituições Públicas de Ensino		
Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos – Manaus ²⁹	1982	Atual
Instituto Filippo Smaldone – Manaus	1984	Atual
Pe. Paulo Mana – Parintins	1982	

Fonte: Curricularização da Libras como primeira língua (STUMPF, 2021, p.78).

Segundo Gohn (2006, p.28) a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados. Cascais & Terán (2014, p.3) explicam que a educação formal é metodicamente organizada, seguindo um currículo, sendo dividida em disciplinas, regras, leis, idade e nível de conhecimento.

Em acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola abordada, mostra que possui uma proposta bilíngue de ensino para surdos. Dessa forma, os Componentes Curriculares, baseados na legislação educacional vigente, LDB e Parâmetros Curriculares Nacionais, não são subtraídos em seu Conteúdo Programático, mas acrescidos da Cultura e Identidade Surdas e outros aspectos relacionados à Surdez. Dessa forma, o Currículo da Escola Bilíngue, é enriquecido e transmitido ao aluno surdo em sua língua primeira e também na língua portuguesa na modalidade escrita, tornando o aluno apto a exercer sua cidadania.

Reforço que a escola não inclui a forma gráfica da língua de sinais, o SignWriting, em sua proposta de ensino, porém instituições de ensino como a Universidade Federal do Amazonas - UFAM se propôs através de projetos, colocar em prática esse artefato cultural da comunidade surda, que tem grande relevância no desenvolvimento metalinguístico de seus usuários.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta desta pesquisa foi apresentar a escrita de sinais SignWriting como uma ferramenta eficaz no processo de alfabetização e letramento de crianças surdas, que devem ser estimuladas no momento da aquisição da linguagem, período no qual possuem mais facilidade em aprender.

A aquisição da linguagem de acordo com Lennenberg (1967), ocorre durante o período crítico, que compreende entre os 2 anos até a puberdade. Nesse período o cérebro humano tem as funções bilaterais da linguagem ativas, enquanto na puberdade, apenas um hemisfério se torna mais dominante em relação às funções da linguagem, prejudicando seu desenvolvimento linguístico. Os pesquisadores afirmam que as pessoas podem aprender em outros momentos da vida, porém torna um processo mais lento e que o período crítico é a melhor fase para se aprender.

A linguagem é fundamental para a constituição, organização e desenvolvimento intelectual do indivíduo. Conseqüentemente, Brito (1993) relata que a linguagem se manifesta socialmente e de forma gradual, com o intuito de desenvolver os processos internos da criança. Vygotsky (1998) corrobora que a linguagem foi criada ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade, sendo esta um recurso que a criança pode utilizar para comunicar-se com as pessoas que a circundam.

Vygotski (2000, p. 186) teoriza que o gesto é a “escrita no ar” e que considera este como uma forma de comunicação, seja de ordem emocional, cognitiva, de interação social e outras. Vygotski em suas palavras afirma que “[...] junto com a linguagem fônica de toda a humanidade foi criado o idioma de gestos para os surdos mudos”. Vygotski (2000, p. 42 apud MARQUES; BARROCO; SILVA, 2013, p.508) e que nessa exposição o autor não diferencia gesto de sinais, mas podemos entender que o gesto é de grande importância para o desenvolvimento da linguagem e entendemos que eles devem ser valorizados na Educação Infantil, assim como os sinais, por se tratar de um período de intensa descoberta de si, de seu corpo e do mundo.

Santana (2005), explica que gestos proporcionam à criança o processo interlocutório, ou seja, possibilita a inserção da pessoa surda na sociedade como sujeito de linguagem.

Dentro do contexto de aquisição da linguagem, entende-se que este é o meio na qual se compreende o desenvolvimento interno do ser humano junto à sua relação na sociedade. Ao destacar o sujeito surdo, é necessário que este faça o uso da Língua de Sinais (Libras) para desenvolver seu cognitivo. Com isso, observou-se através de pesquisas, que as famílias no qual expõem as crianças surdas à língua gestual desde o seu nascimento tendem a desenvolver-se de modo significativo quando estão em período escolar (**Figura 16**).

Figura 16: Desenvolvimento da aquisição da linguagem.



Fonte: Acervo da autora.

Fayol (1947, p.34) declara que no processo de aquisição da escrita as crianças tenham desde cedo algum tipo de familiarização com álbuns, leitura de livros pelos pais, estímulos a desenhos, para que possam adquirir a escrita de forma mais fácil.

A partir desse pressuposto é necessário que o surdo aprenda a forma gráfica da língua de sinais, o SignWriting, o qual atende aos parâmetros da Libras, possibilitando a leitura e a escrita da língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral, além de ser um sistema de escrita universal. Dessa forma o intuito desse sistema nesta pesquisa é de fixar melhor o entendimento durante as aulas, poder registrar, produzir e propagar suas próprias histórias, promover a sua inclusão na sociedade, entre outros exemplos. Destacamos que existem outras formas de escrita de sinais, tais como, a Escrita de Língua de Sinais (EliS), o sistema de escrita da Libras (SEL) e a Escrita Visogramada das Línguas de Sinais (VisoGrafia).

O SW é um tema bem discutido pelo fato de não possuir Políticas Públicas no que concerne a sua modalidade escrita da língua de sinais, mesmo assim, podemos observar a quantidade de materiais que estão sendo produzidos com a utilização dessa grafia. Como exemplo, temos produções de Literaturas; Dicionários; Charges; Histórias em Quadrinhos; e muito outros artefatos linguísticos, como mostra a **Figura 17**.

Figura 17: Materiais diversos com a escrita em SignWriting.



Fonte: Acervo da autora.

As produções apresentadas acima, são apenas alguns exemplos encontrados de materiais na qual já utilizam a escrita SW, além do educador poder utilizar esses materiais no momento das aulas, com o intuito de apresentar, ensinar e desenvolver a leitura e a escrita da língua de sinais. Uma sugestão é que os professores poderiam criar um projeto interdisciplinar para estimular os educandos a produzir seu próprio material por meio de suas vivências, cultura, inspirações, sentimentos e outras formas. Posteriormente divulgar as produções diversas através de exposição na escola ou nas redes sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as criança surda e ouvinte passam pelo processo de alfabetização e letramento, e que o aprendizado da grafia SignWriting, para o aluno surdo nos seguimentos

do ensino básico complementa os conhecimentos já construídos no discurso do sujeito e suas interações sociais.

De acordo com Capovilla & Capovilla (2002, p.147), “só a inclusão da escrita visual direta de sinais é capaz de elevar a educação e formação da criança surda ao status do bilinguismo pleno”, visto que ele quebra a descontinuidade gerada pela exigência da escrita da língua oral. Isso significa que o surdo pode pensar, falar e escrever em uma só língua (no Brasil, Libras).

Silva (2009) destaca que:

O uso do sistema de escrita SignWriting, assim como outras escritas, se constitui como estratégia de construção de significados e método de estudo, pois facilita a lembrança e a recuperação da informação guardada na memória. Atualmente a maioria dos surdos tem acesso aos conteúdos escolares através da tradução por um intérprete de Libras; porém, os conteúdos são escritos em língua portuguesa, o que não contribui para memorização, lembrança e associação com outros conhecimentos. Não há uma forma de registro acessível que se possa consultar. (SILVA, 2009, p. 53)

A criança surda deve adquirir a língua de sinais trazendo todo seu artefato linguístico cultural. Essa forma de comunicação o auxiliará durante a aquisição de uma segunda língua, seja no âmbito escolar ou familiar.

As escolas, por sua vez, devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais ou linguísticas (Perlin; Strobel, 2008). Desse modo, a alfabetização desses sujeitos acontece de maneira diferente: primeiro aprendem a Língua de Sinais, considerando que ela é o único meio para o desenvolvimento da linguagem; depois se aprende a língua portuguesa na modalidade escrita (Quadros, 2006; Quadros; Perlin 2007).

Concluo a obra com as ponderações de alguns pesquisadores da qual partilho a mesma forma de pensamento e completo ao dizer que o bilinguismo deve ser trabalhado sim, porém de forma distinta, pois tanto a Libras quanto a Língua Portuguesa possuem suas próprias estruturas gramaticais. Logo uma língua poderia auxiliar a outra no momento do aprendizado, mas não poderia substituir uma grafia por outra.

Outro fator que percebi ao longo de minha trajetória é que existem poucos profissionais qualificados na área da escrita de sinais, tornando essa realidade muito distante para os surdos. Então espera-se que a escrita de sinais SW, seja inclusa no ensino da Libras e que mais pessoas venham se capacitar para poder ensinar essa escrita para o surdo, para que possa consolidar seu conhecimento, assim como nos demais idiomas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, E. O; LIMA, M.F; STUMPF, M. R. **Escrita de Sinais: Uma Proposta para o Letramento de Surdos em L1**. Revista Prática Docente. v.3. nº1, p.140 - 144, jan/jun. 2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARROS, R. O. **Contribuições da tradução automática para o trabalho do tradutor de português e libras escrita**.2018 Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187974/BARROS%202018.pdf?sequence=1&isAllowed=y#page=15&zoom=auto,-107,132>>.

BELMIRO, C. A. “**A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português**”. Revista Educação & Sociedade, N. 72, agosto/:2000. pp. 11-31.

BRASIL. Secretária de educação Básica. (1996) “PCN: Ciências humanas e suas tecnologias”. MEC/SEB, Brasília. Vol. 3, 2014.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>
Acesso: Acesso em: 13 ago.2022.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em:
<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa-no-ensino-fundamental-anos-finais-praticas-de-linguagem-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>>
> Acesso: Acesso em: 13 ago.2022.

BRASIL, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 - Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 07 de jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2002. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 07 jun.2022.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília: Senado Federal, 2021. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm>. Acesso em: 07 jun.2022.

BRITO, L. F. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. **Educação da criança surda: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética**. Rev. Bras. Ed. Esp., v. 8, n.2, p.127-156, Marília, Jul. - Dez. 2002.

CASCAIS, M. das G. A.; TERÁN, A. F. **Educação formal, informal e não formal na educação em ciências**. Ciência em Tela – Volume 7, número 2, 2014. p.3.

COSTA, Edivaldo da Silva. Tendências atuais da pesquisa em escrita de sinais no Brasil. Revista Diálogos (RevDia). v. 6, n. 1, jan.-abr., 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>> Acesso em: 12 ago. 2022.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedo, Linguagem e Alfabetização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DALLAN, M. S. S. **SignWriting: escrita visual para língua de sinais no processo de sinalização escrita**. II Congresso Nacional de Surdez. São José dos Campos, 2009.

Escrita de Sinais, 2010, p.1. Disponível em: <<https://escritadesinais.com/2010/08/17/quem-usa-signwriting/>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

FARIA, Maria Brito de; ASSIS, Maria Cristina de. (Org.) **Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

FAYOL, M., 1947 - **Aquisição da escrita** / Michel Fayol; tradução Marcos Bagno, - 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p.34.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GONTIJO, C. M. M. SCHWARTZ, C. M. **Considerações sobre o ensino da leitura e a aprendizagem da escrita**, Revista Brasileira de Alfabetização - ABAlf | ISSN: 2446-8576 / e-ISSN: 2446-8584 Vitória, ES | v. 1 | n. 1 | p. 39-58 | jan./jun. 2015).

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução da 10 edição corrigida. Marcos Marcionilo. - São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 9, 10 e 11.

KOGUT, M. K. **As descrições imagéticas na transcrição e na leitura de um texto em SignWriting**. Dissertação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2013.

LENNENBERG, E. H. **Biological foundations of language**. New York: Wiley. 1967.

MARQUES, H. de C. R.; BARROCO, S. M. S.; SILVA, T. dos S, A. **O ensino da Língua Brasileira de Sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 19, n. 4 p. 503-518, Out-Dez, 2013. P. 508.

OLIVEIRA, M. K. de. **História pessoal e intelectual**. In: Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1995, p. 68.

PEREIRA, S. R. **Os processos de alfabetização e letramento em LIBRAS: Um percurso semiótico**. Bebedouro: Fabife, 2009.

PEREIRA, G. M. A.; CARVALHO, B. F.; SOARES, W. D.; VIANNA, R. S. M.; FINELLI, L. A. C. **Alfabetização X Letramento de Surdos no Ensino Regular: Revisão de Literatura**. Humanidades, v. 5, n. 2, 2016. p.50.

PERLIN, G.; STROEBEL, K. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

QUADROS, R. M. **Alfabetização e Ensino da Língua de Sinais**. Canoas: Textura, 2000, n.3.

QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Orgs.) **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

QUADROS, R. M. **Um capítulo da história do SignWriting 1999**. Disponível em: <www.signwriting.org/library/history/hist010.html>. Acesso em: 3 ago. 2022.

SANTANA, A. **O Processo de Aquisição da Linguagem: estudo comparativo de duas Crianças usuárias de Implante Coclear**. *Distúrbios Da Comunicação*, 17(2), 233–243. (2005, August).

SIGNBANK. Disponível em: <<https://www.signbank.org/signpuddle/>>. Acesso em: 02 ago, 2022.

SILVA, F. I. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da Língua Brasileira de Sinais: SignWriting**. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós- Graduação em Educação, Educação e Processos Inclusivos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, V. S. da. **O ensino da Língua Brasileira de Sinais concomitante ao de sua escrita pelo sistema SignWriting**, 2017. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/enfope/article/viewFile/4991/1776>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SILVEIRA, C. H. **O ensino de LIBRAS para surdos – Uma visão de professores surdos. Reflexão e Ação**, 2008. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/576/0>>. Acesso em 08 maio. 2021.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting: língua de sinais no papel e no computador**. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

STUMPF, M. R. **Escrita de Língua de Sinais**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

STUMPF, M. R.; WANDERLEY, D. C. **Quem fala português, escreve em português. Quem fala inglês, escreve em inglês. Os surdos: em que língua escrevem?**. *Revista Letras Raras*, v. 5, p. 93-107, 2016.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. A. (org.). **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior**, 1. ed. Petrópolis: Arara Azul, 2021.1v. *Ebook*. ISBN: 978-85-8412-033-8. Disponível em: <<https://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/23>> Acesso em: 20 set. 2022.

TORRES, M. R. **A importância da leitura de imagens para o ensino aprendizagem de artes visuais**. Monografia de graduação em Licenciatura em artes visuais, Universidade de Brasília. 35 p. 2011.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo III. Madrid: Visor. 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO A

Link de acesso virtual ao TCC: < <https://youtu.be/TGD-z40-7j0> >

